

## **Narrativas midiáticas, ética e a formação de sentidos sobre alimentação saudável<sup>1</sup>**

Rafael de Oliveira Barbosa<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Daniela Menezes Neiva Barcellos<sup>3</sup>  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Maria Cláudia da Veiga Soares Carvalho<sup>4</sup>  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

### **Resumo**

Este artigo promove um encontro transdisciplinar: aborda tanto a alimentação, enquanto prática complexa, para além de uma função unicamente biológica, como também a pervasividade das Tecnologias da Informação e Comunicação, além de unicamente informativa. Entendemos que os sentidos e significados envolvendo alimentação saudável em narrativas midiáticas demandam olhar atento às contínuas transformações cotidianas nas práticas de comunicação. Uma linguagem transmidiática, permeada de bricolagens, atende apelos plurais de consumos do saudável, materiais e simbólicos. No contexto contemporâneo da cultura urbana, buscaremos relacionar o desenvolvimento teórico sobre a presença “misturada” dos dispositivos midiáticos, incluindo seus usos e a circularidade presente nos sistemas de comunicação, com os consumos do saudável, a partir da discussão sobre narrativas midiáticas e ética.

### **Palavras-chave**

Comunicação; Narrativas Midiáticas; Alimentação Saudável; Ética; Consumos.

### **Introdução**

Circularemos por dois caminhos de pesquisa para promover um encontro transdisciplinar entre saberes de diferentes áreas: por um lado, seguindo uma perspectiva

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup>Doutor em Comunicação (UERJ). Bolsista de Pós-Doutorado no Instituto de Nutrição Josué de Castro - UFRJ, e-mail: rafaobarbosa@hotmail.com

<sup>3</sup>Doutora em Alimentação, Nutrição e Saúde, Instituto de Nutrição - UERJ, e-mail: daniela@neiva.com.br

<sup>4</sup>Orientadora do trabalho. Professora adjunta permanente no Programa de Pós-Graduação do Instituto de Nutrição Josué de Castro – UFRJ, email: mariaclaudiaveigasoares@yahoo.com.br

---

de identificar e apoiar o desenvolvimento de tecnologias inovadoras, estimulando interação entre universidade e sociedade com um projeto InovUerj<sup>5</sup>, por outro, seguindo pressupostos teóricos voltados para práticas de consumo alimentar e de comunicação em pós-doutorado<sup>6</sup>. Os sentidos e significados envolvendo alimentação saudável em narrativas midiáticas demandam olhar atento às contínuas transformações cotidianas nas práticas de comunicação.

Os caminhos se cruzam numa abordagem em que tanto a alimentação, enquanto prática complexa, vai além de uma função unicamente biológica, como também a pervasividade das Tecnologias da Informação e Comunicação vai além de unicamente informativa ou de troca de mensagens. Em um quadro plural de circulação de informação, publicações impressas e sonoras, programas de tv e rádio, propagandas, filmes, novelas, sites de redes sociais, blogs, aplicativos de mensagens ou com outras funções (como para controle de dieta, perda de peso), enfim, toda uma gama de modos de circulação e (re)construção de sentidos com os meios toma parte nas práticas de consumo alimentar e de comunicação dos sujeitos, ainda que de formas diversificadas. A apropriação de conteúdo das mídias e a construção de discursos sobre alimentação em produtos midiáticos, não somente da indústria, mas também realizados por ações coletivas ou individuais em rede, tornam-se, portanto, também um lugar para se pensar a visibilidade e as moralidades do saudável na sociedade contemporânea.

Diante das múltiplas possibilidades de construção de escolhas alimentares e discursos, parece-nos relevante aproximar da noção de direito à alimentação saudável e adequada (DHAA) como um princípio de proteção às diferenças e de promoção de interações midiáticas. No entanto, para escapar da naturalização de uma moralidade nos discursos midiáticos, articulamos uma reflexão sobre dispositivos e ferramentas de comunicação numa perspectiva ética, tentando compreender o cenário de possibilidades nas práticas de consumo e comunicação, estranhando as condutas nas práticas de consumo e escolhas consideradas saudáveis.

O objetivo deste diálogo é, portanto, evidenciar como as experiências vividas com as mídias e os processos comunicacionais podem participar dos modos de escolhas alimentares, aqui tomadas não como atitude construída a partir da racionalidade dos

---

<sup>5</sup> Unidade de Desenvolvimento Tecnológico da UERJ - Núcleo de Estudos sobre Cultura e Alimentação.

<sup>6</sup> Projeto “Consumo de alimentação saudável transmidializado: novas sensibilidades nas conexões em rede”, vinculado ao Instituto de Nutrição Josué de Castro (UFRJ).

---

sujeitos, como um ato privado, mas dentro de jogos simbólicos socialmente implicados, influenciados pelo público.

Vivemos na sociedade como corpo socialmente informado. Se escolhermos algo, não há como sermos inteiramente neutros e inertes ao mundo social que nos abriga. [...] Convivemos nas práticas virtuais com um embaralhamento de novos e desordenados significados, pulverizados no ciberespaço em larga escala que, de alguma forma, mantendo ou transformando as forças do campo, se organizam na experiência coletiva, que nos ensina silenciosamente um "faça você mesmo" de uma geração a outra. (CARVALHO in PERES-NETO; BOTELLA, 2018, p.61)

Assim, como forma de contribuição à discussão sobre consumo alimentar, e especificamente à discussão sobre as narrativas elaboradas em torno da alimentação saudável, nossa perspectiva teórica no campo da Comunicação visa evidenciar as diversas relações sensíveis mobilizadas nas práticas midiáticas e a mistura característica de nosso convívio com os dispositivos de comunicação.

Encontramos as bases de uma reflexão moral em torno da alimentação saudável a partir do instante que tal temática, disseminada poderosamente entre os dispositivos midiáticos, alarga as fronteiras de uma racionalidade hegemônica que a reduz a uma simples contagem de nutrientes e aspectos funcionais no corpo a fim de gerar bem-estar, longevidade e o seguimento de um padrão estético e de saúde de uma certa época.

As novas sociabilidades e sensibilidades no cenário digital adensam o debate acerca das múltiplas abordagens sobre práticas de comunicação e consumos do saudável. As formas de circulação de conteúdos nesse trabalho suscitam mais questionamentos do que soluções para pequenas e excessivas moralizações sobre o comer.

Para realizar a proposta do presente artigo, buscamos relacionar então um desenvolvimento teórico sobre a presença dos dispositivos midiáticos, seus usos e a circularidade presente nos sistemas de comunicação, que implica misturas e sobreposição de dispositivos comunicacionais e práticas comunicativas, com os consumos do saudável, a partir da discussão sobre narrativas midiáticas e ética.

Utilizamos como exemplo breve de reflexão sobre os processos comunicacionais os audiolivros, especificamente as obras literárias sonoras comerciais destinadas a todo tipo de público e não as produzidas restritamente aos portadores de deficiência visual, costumeiramente nomeados de "livros falados". Abordamos esse formato da literatura sonora sempre como produto midiático de entretenimento, cujas produção e circulação

---

estão integradas à indústria de mídia e, portanto, estruturadas de forma a atrair leitores e vender.

Como exemplos de obras sonoras já publicadas em torno do tema da alimentação saudável, podemos citar “Introdução ao Vegetarianismo”, de Eric Slywitch, “Obesidade: abordagem de alguns aspectos nutricionais”, de Flávia do Carmo dos Santos, e “Prato Sujo - Como a Indústria Manipula os Alimentos para Viciar Você”, de Marcia Kedouk (esta última obra também publicada em versão impressa).

Todavia, não se trata aqui de empreender nesse momento uma análise de audiobook, mas de pontuar essa circularidade dos sentidos nas mais diversas textualidades de modo prático e, conseqüentemente, abrir nossa perspectiva para além de essencializações sobre a presença das tecnologias e possíveis efeitos – especialmente do digital, lugar a partir de onde buscamos entender a amplitude do “comer”. Move-nos assim uma série de deslocamentos, principalmente a ampliação do sentido de “texto” (MCKENZIE, 2004), fundamental no momento em que experienciamos cada vez mais diferentes linguagens; a circularidade dos discursos pelas mídias e o destaque às subjetividades, ou processos de subjetivação, inerentes à vivência humana em sua relação com o mundo (material e vivo).

Na abordagem da ética (ou das moralidades) envolvidas na construção das escolhas alimentares, reafirmamos nesse espaço uma visão complexa sobre a prática alimentar e a Alimentação e Nutrição, que nos permite perceber como os sentidos de alimentação saudável são erigidos a partir de vivências com o mundo ao redor e, sobretudo, observar atentamente as interfaces dessas dimensões do saudável nas realidades socioculturais em que as narrativas midiáticas ocorrem, investidas pelos interesses que apoiam e legitimam suas construções.

Aprofundar o olhar sobre formatos midiáticos, como audiobook ou literatura sonora, é refinar o olhar para elementos lábeis que, flutuantes no ciberespaço, operam a subjetividade contemporânea. Pensamos em usos e consumos que podem trazer inúmeros benefícios e, sem perder uma “Ética mínima”, como propõe Adela Cortina (2010), possibilitam um consumo menos estereotipado, mais oxigenado na reflexão sobre uma vida saudável e possível.

---

## Práticas de comunicação e narrativas

Evidenciando o que tem sido chamado de “ecologia de mídias”, visamos sempre abordar as práticas de comunicação e consumo com as TICs e seus cruzamentos sem categorizações fixas e pré-determinadas. De modo conciso, isto significa evitar modelos idealizados sobre as sociedades e as apropriações midiáticas e que produzem teorias baseadas em grandes divisões temporais, culturais e de subjetividades (GONÇALVES, 2018) a partir do momento que assumem uma perspectiva linear e evolutiva sobre a história dos meios. Afinal, rótulos como “tradição oral”, “cultura impressa”, “cultura eletrônica”, designando uma sequência, são pouco explicativos, na medida em que ocultam tanto diferenças e dinâmicas internas a esses blocos quanto proximidades e misturas entre eles.

[...] A história das culturas humanas não é assim vista como a da substituição de um tipo de cultura idêntico a si mesmo e distinto dos outros tipos por um novo e assim sucessivamente; os contextos culturais se misturam, extratos são acrescentados, mas outros permanecem, de modo que não se trata nunca da substituição de um tipo ideal por outro, mas sempre do rearranjo constante de extratos. [...] (GONÇALVES, 2018, p.19)

De modo a complementar, apontamos que tanto o oral quanto o escrito, se os tomamos de modo separado, guardam diferenças internas. Talvez seria o caso de se falar em oralidades e escritas. Ademais, tais nomeações são realizadas a partir de um determinado lugar (no caso, da academia), sob determinada intenção e condição sociocultural (MCDOWELL, 2015). O homem oral, o homem letrado e o homem digital seriam construções ideais e não categorias do mundo vivido. Tampouco são as tecnologias conformadas por elementos intrínsecos que garantem efeitos diretos, o chamado determinismo tecnológico, ou capazes de sozinhas determinarem seus modos de apropriação (por exemplo, um livro não pré-estabelece sua leitura).

Dessa forma, ao focarmos no papel das narrativas midiáticas, especialmente as presentes no ambiente digital, na construção de hábitos alimentares e de discursos sobre o “saudável”, podemos pontuar como as condições materiais e de circulação desses textos (em sentido amplo, compreendendo diversas formas materiais) evidenciam na verdade sua existência concreta e processual no mundo.

Por essa razão, no campo da Comunicação, entendemos que os processos de edição são boas bases de observação, embora não as únicas, das transformações e imbricações entre diferentes materialidades e de produção de diferentes estruturas de significação que, de certo modo, afetam as apropriações e os sentidos, sem determiná-los. Sendo os textos objetos físicos, devemos focar nas correspondências, nos processos, inclusive de escolhas editoriais, e nas multiplicidades textuais, sem falar em superioridade de um meio sobre o outro. A pesquisadora Katherine Hayles nos diz que:

Um pensamento breve é suficiente para mostrar que mudanças no aparato navegacional de uma obra mudam a obra. Traduzir as palavras em um rolo para um livro códice, por exemplo, altera radicalmente como um leitor encontra a obra; ao se modificar como o trabalho significa, tal movimento altera o que ele significa. Um dos *insights* que a textualidade eletrônica inescapavelmente torna clara é que funcionalidades navegacionais não são meramente modos de acessar a obra, mas parte da estrutura de significação da obra. Uma enciclopédia significa de forma diferente de um romance realista em parte porque suas funcionalidades de navegação antecipam e estruturam padrões de leitura diferentes dos do romance [...] (HAYLES, 2003, p. 264, tradução nossa)<sup>7</sup>

Os historiadores do livro contribuem, portanto, para abordagens atentas às heterogeneidades e às processualidades atuantes nos modos de existência dos textos – e, portanto, de toda narrativa. A partir do pesquisador francês Roger Chartier (2014) e do bibliógrafo neozelandês Donald F. McKenzie (2004), é possível identificar as imbricações entre oral e escrito. Com os estudos de Barbier (2008), McKitterick (2006) e outros pesquisadores do livro, notamos que, no período de invenção da prensa tipográfica, os textos impressos não representaram uma ruptura ou uma virada imediata no mundo da leitura e dos escritos, mas foram articulados com características presentes nos manuscritos – forma cânone da apresentação textual à época da invenção da prensa no século XV.

Sob essa influência, os estudos das práticas de leitura com audiolivro (BARBOSA, 2014) e do processo de edição desse formato de literatura sonora (BARBOSA, 2018), empreendidos por um dos autores do presente artigo, também

---

<sup>7</sup> O texto em língua estrangeira é: “A moment’s thought suffices to show that changing the navigational apparatus of a work changes the work. Translating the words on a scroll into a codex book, for example, radically alters how a reader encounters the work; by changing how the work means, such a move alters what it means. One of the insights electronic textuality makes inescapably clear is that navigational functionalities are not merely ways to access the work but part of a work’s signifying structure. An encyclopedia signifies differently from a realistic novel in part because its navigational functionalities anticipate and structure different reading patterns from the novel [...]”

apresentam nuances sobre essas divisões muito marcadas entre os domínios do oral e do escrito - seja ele impresso ou eletrônico. Nessa reflexão sobre a relação entre o formato gravado de literatura e o livro (esteja em oposição ou proximidade), observamos como o impresso aparece de modo relevante na produção da obra sonora, como a página do livro impresso serve de texto-base aos intérpretes que gravam as histórias, como a produção do audiolivro recebe interferências das editoras de livros impressos que cedem os títulos. Essas influências apontam para uma concepção mais complexa, e até mesmo um projeto conjunto, acerca dos modos de circulação dessas produções editoriais, das possibilidades de (re)construções narrativas em diferentes formatos. Inclusive o próprio livro impresso é, na maioria das vezes, produzido de forma digital (Ver THOMPSON, 2013).

E outras possibilidades a partir da ligação entre audiolivro (e outros formatos textuais sonoros disponíveis) e suportes digitais móveis contribuem assim para outras práticas de leitura, em ambientes e situações que não eram usuais. Como, por exemplo, o consumo de narrativas sonoras em trânsito na cidade, potencializado no Brasil desde 2014, com o advento de serviços de audiolivros por *streaming*, como a Tocalivros, que atua como varejista e editora, e a Ubook, também editora e cujo serviço funciona por meio de assinatura. Um olhar processual sobre as práticas com as mídias busca situá-las fora de esquemas ou estruturas sólidas, ordenadas linearmente na história. A terminologia do “epocalismo”, muito utilizada por Márcio Souza Gonçalves (2013), aponta com precisão os problemas dessa forma de teorizar em Comunicação as mudanças históricas.

Recuperando a temática dos sentidos de alimentação saudável a partir das mídias, observamos com o auxílio dessas considerações como é inapropriado pré-determinar ou essencializar as relações homem-tecnologia e o modo com que os sujeitos lidam com os discursos midiáticos em suas diferentes formas, lugares e situações. Os sentidos do comer são, assim, elaborados também a partir de concretudes, sustentadas por palavras, sons, imagens, texturas (re)organizados de variados modos no ambiente digital na medida em que circulam facilmente pelos mais diversos dispositivos midiáticos.

Portanto, é dentro desse cenário de misturas que se compõem atitudes, comportamentos e discursos. Conseqüentemente, nosso olhar sobre os modos de elaboração de uma ideia de alimentação saudável, tomada como prática cultural complexa e atravessada pela múltipla presença das TICs e pela midiatização, aponta para uma abertura nos processos de construção de sentidos. Para além de qualquer determinação, tão diversos podem ser os dispositivos e as situações de comunicação quanto as

---

possibilidades de construção de hábitos alimentares e sentidos de “saudável” a partir das mídias.

### **Transmidialidade e Alimentação Saudável**

Tomando-se a questão complexa da alimentação, ressignificada de aspectos sociais, culturais e nas práticas alimentares cotidianamente, muitas vezes dominadas pelas lógicas opressivas de consumos do comer saudável, a disseminação de conteúdos por meio das novas tecnologias de comunicação é um fenômeno. Sem lugar a dúvidas, estamos ante um campo de embates que se relaciona com a multiplicidade dos meios e suas mensagens, complementando-se e promovendo arranjos simbólicos e materialidades de toda ordem. Certamente, o desenvolvimento de um olhar multidisciplinar em um espaço transmediatizado é para nós uma proposta de estudo. Neste contexto, é preciso situar o fenômeno da transmidialidade na contemporaneidade. As narrativas transmídia são o eixo da chamada "cultura da convergência" (JENKINS, 2006). O fenômeno transmídia, deslizamento de uma história ou narrativa para/por várias mídias, não é novo, como explica-nos Scolari (2013). Embora as épocas sejam tomadas por fenômenos comunicacionais, é importante perceber como os dispositivos midiáticos sempre estiveram entrelaçados. Muitas vezes, atribuímo-nos a terminologia “cultura digital” do mesmo modo como, no século XVII/XVIII, acadêmicos designaram seu tempo como “cultura impressa”, afastada da “cultura oral”. Mas o que se oculta por trás dessa terminologia? Assim como falamos do oral, do escrito e do impresso, o digital é vasto e com eles se relaciona de diversos modos, como é o caso das narrativas transmídia.

Destarte, além de caracterizarem nossa perspectiva sobre as práticas de comunicação, essa processualidade e essas misturas efetivadas entre linguagens e dispositivos midiáticos a partir de agências sociais tornam-se elementos fundamentais nas estratégias de legitimação dos diversos sentidos do saudável. Na medida em que assume uma centralidade na sociedade contemporânea, a midiaticização, apontada por Braga (2012) como criação e recriação contínua de circuitos de interação caracterizados por processos de intermediação tecnológica, “torna-se inevitável a continuidade entre processos mediáticos e outros processos interacionais” (BRAGA, 2012, p.34), com consequências para a “esfera de legitimidade” dos campos sociais. Um exemplo seria o nutricionista e o exercício do seu trabalho não apenas em seu consultório, mas



---

estabelecendo contatos por meio das redes para assegurar visibilidade e existência, junto a outros perfis de profissionais e não-profissionais.

Assim, justifica-se uma abordagem ética dos dispositivos de comunicação e seu comparecimento nas interações, onde as moralidades atravessam os discursos e as práticas mobilizadas.

### **Narrativas midiáticas, ética e a bricolagem: consumos do saudável**

Tomando justamente o movimento e os processos de subjetivação como lugar para a reflexão, consideramos ilustrar o percurso dos sentidos de alimentação saudável construídos a partir e com a mídia.

Como dissemos na introdução, a temática “alimentação saudável” é referenciada em nossas pesquisas de modo ampliado, sendo construído culturalmente e imerso de subjetividades delineadas pelos múltiplos contextos dos indivíduos. Muito além de prescrições de receitas alimentares, que muitas vezes estabelecem “certo” e “errado”, ou mera contagem de nutrientes. Por essa razão, inclui questões de identidades, valores simbólicos, afetos, sentimentos e éticas, entre outras motivações e conveniências. Sentidos e significados retroalimentados nas interações midiáticas e que afetam os consumos alimentares cotidianos de toda ordem.

Uma linguagem midiática acerca desta temática, permeada de elementos tecidos da cultura urbana contemporânea, inscreve-se no cotidiano e nutre práticas de consumos alimentares. Em função disso, realizamos uma abertura para a compreensão de como se estabelecem e se conectam alimentos, mídias e pessoas, enquanto elementos da relação que não estão dados, que mudam e se reconfiguram, pois se ligam a outros fatores, como poder, mercado, cognição, tecnologia, entre outros. Nessa convergência de dispositivos midiáticos, o fluxo intenso de conteúdos de toda ordem convida-nos à discussão das éticas sobre os consumos e apropriações do saudável nas práticas alimentares.

Não fosse a busca por compreender e refletir sobre as moralidades das narrativas transmediatizadas na cultura alimentar, ficaríamos ainda mais isolados nesse modo asséptico de ‘estar juntos’ na sociedade contemporânea. Os meios de comunicação transformam os modos de organizar, distribuir e receber o conhecimento e a informação sobre alimentação de modo invisível a depender de esquemas ‘invisíveis’ que organizam o percebido.

---

Encontramo-nos ante um campo de embates em que o compartilhamento de conhecimentos abre um leque de possibilidades de ação e trazem inúmeros benefícios para a construção de um tipo de verdade que se ergue entre atores com diferentes expectativas e interesses. Bricolagens são tecidas para dar lugar a sentidos e significados diversos. A significação dos nomes inclui também a construção de microéticas, pois a conceituação de ética é sempre um trabalho denso, que nos remete à filosofia e à epistemologia. No entanto, o que nos mobiliza no uso da noção de ética, é sua diferenciação com uma noção de moral, deslocando o que seria uma lei para a prática de legitimação. Uma vida saudável nesse enfoque se aproxima das possibilidades de construir uma ‘vida boa’ no conjunto da sociedade. O que em um espaço pode ser cooptado pela saúde, em outros pode ser pela estética, pela construção de uma cidadania.

Ética e moral podem ser tratados como sinônimos, mas na problematização sobre a noção de saudável consideramos mais didático ressaltar uma diferenciação. Assim não são termos sinônimos,

“[...] na medida em que designam termos próximos, como caráter (ethos de origem grega) e costume (mores, de origem latina), respectivamente. [...] moral poderia, contudo, ser entendida como atribuição livre de um valor a uma ação enquanto ética se ocuparia de uma reflexão sobre a moral em prol do bem comum ou, se quisermos seguir a proposta aristotélica, da vida boa.” (PEREZ-NETO; CORRAL, 2018, p.19)

Muitos olhares sobre a alimentação saudável, nem sempre cristalinos, são rótulos que renovam ingredientes em torno de consumos de distintos estilos de vida. Caseiro, artesanal, *fit*, orgânico e sustentável são alguns exemplos. Conforme os estudos de Maria Cláudia Carvalho (2013, p. 17), “bricolagem alimentar foi uma estratégia que atravessou as práticas de alimentação [...] como um modo de ‘arrumar’ o universo simbólico, uma estratégia de organização dos significados dos alimentos na vida das pessoas”. O deslocamento de signos, muitas vezes, são construções permeadas de absurdos possíveis, estruturadas sob a linguagem do afeto por meio de personagens que acessam subjetividades e constroem vínculos, ora com base na memória afetiva, ora sobre a racionalidade biomédica, mas, sobretudo, que inspirem e consolidem entre os indivíduos um pacto de confiança.

O presente contexto chama-nos atenção a aspectos eugênicos do campo da saúde disseminados nas narrativas midiáticas, em torno à miríade de situações de controles e

vigilâncias a que somos submetidos. Neste ponto, fica claro que é extremamente importante refletir sobre as moralidades que cercam nossos consumos alimentares. As escolhas que temos seguem que tipo de legitimação de verdade? Se a noção de ética não é a de um padrão de perfeição, então quais elementos nos levam a escolher um entre tantos consumos saudáveis? Ativismos e militâncias acerca do saudável podem ser também grandes oportunidades para a problematização da construção das verdades que impactam nossas escolhas dentro do que nos é permitido escolher, sempre permeadas pelo enraizamento de julgamentos. Tratar de verdades é, portanto, revelar um campo de incertezas e subjetividades. Conforme explica-nos Quintana, “não há verdade ou falsidade no mundo da moral, há apenas opiniões subjetivas, e isso diante de teorias e autores que defendem o contrário”, (QUINTANA, 2014, p.4). A motivação de escolher é multifacetada. Na polissêmica alimentação saudável, a ética é uma conduta atrelada ao contexto social na prática, onde cada sujeito reflete afetos produzidos nas interações. Para Peres-Neto, “com efeito, é preciso ter cautela ao assumir certos valores ou moralidades como ‘verdades absolutas’. [...] não há um sistema ético perfeito, capaz de reparar as angústias morais que nos afligem” (PERES-NETO, 2018, p. 20). São vários os comportamentos esperados de acordo com os contextos em que estão imersos, seguindo interesses políticos ou não, éticas, práticas do discurso ou do comer.

### **Considerações finais**

Pensar as diversidades das práticas midiáticas, atenção, competências, cognição, ética, ainda que não sejam isentas de conflitos, a consolidação da noção de alimentação saudável e suas escolhas multifacetadas foi essencial na arquitetura de significação dos processos comunicacionais. Não há uma mídia total e irrestrita. As narrativas midiáticas estão estruturadas por agências humanas e dos dispositivos, que inevitavelmente são editores e operam como um ‘óculos’ condicionando o que se vê e o que não se vê.

Assim, conformadas por materialidade concreta e diversificada, as narrativas são consumidas dentro de situações de interação múltiplas, cujos elementos contribuem tanto para a variação do sentido quanto para o seu controle (a intencionalidade do produtor ou a atribuição coletiva de significação, por exemplo).

---

Os dispositivos midiáticos mostram a informação que é preciso mostrar, mas podendo ocultá-la, ou esvaziar o sentido, tentando torná-la insignificante. O importante para o desenvolvimento de uma ética que nos permita transitar com menos tensões entre os conteúdos que se sobrepõem sobre os fenômenos comunicacionais de uma época é contextualizar, problematizar e levantar questões. Afinal, os interesses mudam conforme as expectativas de sujeitos socialmente informados pelo ambiente em que vivem.

As narrativas transmediatizadas estão afetadas pela história social, através de um código sem ruptura entre emissor e receptor. O ‘Outro’ nos habita se entendemos que a nossa subjetividade é um conjunto de *ethos*, e que somos diferentes nos arranjos e nas misturas, que é sempre provisória e inerente ao momento em que vivemos. As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos com efeitos múltiplos e variados.

Aspectos simbólicos circulam em torno do fenômeno social do saudável e fomentam profundas reflexões. O alimento tem sentidos e significados construídos nos contextos plurais dos dispositivos midiáticos que nos circundam com base no olhar da cultura, dos contextos, das moralidades, dos afetos, das emoções e dos sentimentos. Por essa razão, convidamos a pensar como o conceito de alimento saudável é controverso. Como considerá-lo no espaço contemporâneo face à disputa de grupos por verdades absolutas que funcionam como padrões de perfeição? Mais do que encontrar respostas para as questões levantadas a partir do diálogo entre duas grandes áreas do Conhecimento, esperamos oferecer caminhos que possam desvelar a alimentação saudável não como solução pronta, mas como modo de se pensar e refletir a partir dela.

## REFERÊNCIAS

- BARBIER, Frederic. **A História do Livro**. São Paulo: Editora Paulistana, 2008.
- BARBOSA, R.O. **Literatura para os ouvidos?** Uma análise comunicacional de práticas de leitura com audiolivros. 2014. 141f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- BARBOSA, R.O. **Audiolivros e edição:** projeto acústico-editorial. 2018. 236f. Tese (Doutorado em Comunicação) Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- BRAGA, J.L. Circuito *versus* campos sociais In: JANOTTI JUNIOR, J.; MATTOS, M.A.; JACKS, N. (Orgs.) **Mediação e Mdiatização**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012.
- CARVALHO, M.C. Aspectos públicos e privados de escolhas alimentares em práticas virtuais de comunicação e consumo. In: PERES-NETO, L.; BOTELA, J. (Orgs.) **Éticas**

---

**em rede:** políticas de privacidade e moralidades públicas. 2ª ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2018.

\_\_\_\_\_. **Bricolagem alimentar nos estilos naturais.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

CHARTIER, R. **A mão do autor e a mente do editor.** São Paulo: Editora Unesp, 2014.

CORTINA, A. **Ética sem moral.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GONÇALVES, M. S. **Comunicação, Cultura e Subjetividade:** perspectivas de análise. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Cultura do XXVII Encontro Anual da Compós, na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, de 05 a 08 de junho de 2018. Disponível em

[http://www.compos.org.br/data/arquivos\\_2018/trabalhos\\_arquivo\\_W7B3MDOPUKPA\\_MSJZHRYP\\_27\\_6635\\_24\\_02\\_2018\\_15\\_59\\_04.pdf](http://www.compos.org.br/data/arquivos_2018/trabalhos_arquivo_W7B3MDOPUKPA_MSJZHRYP_27_6635_24_02_2018_15_59_04.pdf)

GONÇALVES, M. S.; CLAIR, E. S. **Meios misturados:** paradigmas para a reflexão sobre comunicação e cultura. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Cultura do XXII Encontro Anual da Compós, na Universidade Federal da Bahia, Salvador, de 04 a 07 de junho de 2013. Disponível em [http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_1993.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1993.pdf)

HAYLES, K. Translating Media: Why We Should Rethink Textuality. **The Yale Journal of Criticism**, volume 16, n 2 : 263–290, 2003.

JENKINS, H. **Convergence culture.** Nova Iorque: Aleph, 2006.

McKENZIE, D. F. **Making Meaning:** “Printers of the Mind” and Other Essays. Amherst, Boston: University of Massachusetts Press, 2002.

\_\_\_\_\_. **Bibliography and the sociology of texts.** Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

McKITTERICK, D. **Print, Manuscript and the Search for Order – 1450-1830.** Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

McLUHAN, H. M. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** Cultrix, 2007.

MCDOWELL, P. Towards a genealogy of ‘print culture’ and ‘Oral Tradition’. In LEVY, M.; MOLE, T. (Orgs.). **The Broadview reader in Book History.** Ontario: Broadview Press, 2015.

PERES-NETO, L. **Éticas, Comunicação e Consumo: um mapa para pensar os desafios da privacidade em rede.** In: PERES-NETO, Luiz; CORRAL, Joan Botella I. **Éticas em rede:** políticas de privacidade e moralidades públicas. São Paulo: Estação das Letras e Cores Editora, 2018.

QUINTANA, F. **Ética e política.** São Paulo: Atlas, 2014.

SCOLARI, C. Alberto. **Narrativas Transmedia. Cuando todos los medios cuentan.** Bilbao: Deusto, 2013.

THOMPSON, John B. **Mercadores de cultura: o Mercado editorial no século XXI.** São Paulo: Unesp, 2013.